

HATERS, PÓS-VERDADE E FAKE NEWS: SE ENTRELACANDO EM REDES SOCIAIS

Haters, after-truth and fake news: entwining on social networks

Antonio Bernardes¹

RESUMO

Há poucas décadas atrás emergia a Internet e quanto mais os anos se passaram, mais ela se popularizava. Eu via os sujeitos, inclusive Eu, se comunicando por meio dela, dia após dia. Inicialmente, só por mensagens de texto e, atualmente, há muitas outras possibilidades, a ponto de termos videoconferências simultâneas. Penso que mudamos a nossa forma de interpretar a situação que estamos no mundo e como nos relacionamos com o Outro, assim como os sentimentos como o medo e o perigo sofreram algumas mudanças a partir do momento em que não estou em presença para o Outro. Nossas relações podem ser mediadas pelas linguagens e não precisamos mais estar presentes. Podemos estar distantes, como uma espécie de presença-ausência. Contudo, paradoxalmente, a proximidade e certas emoções cimentam esta amálgama de um conjunto de fenômenos e sentimentos que são alguns dos fundamentos para o surgimento dos *political haters*, da pós-verdade e das *fake news*.

Palavras-chaves: Eu. Outro. Situação. Internet.

ABSTRACT

A few decades ago the Internet was emerging and the more years going to passed, the more it became going to popular. I saw the peoples, including myself, communicating through the Internet and using it, day after day. Initially, only by texts messages and, currently, there are many possibilities, to the point of having simultaneous videoconferences. I think we have changed the way we interpret the situation we are in the world and in the way we relate to the Other, as well as the feelings of the fear and the danger, some changes from the moment they are not present in the Other. Our relations can be mediated by languages and us no longer need to be present one for others. We can be distant, like a form of the presence-absence. paradoxically, the proximity and the some emotions connect this set of phenomena and feelings that are some of the foundations for the emergence of political haters, post truth and false news.

Key-words: I. Other. Situation. Internet.

¹ Docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), Departamento de Geografia e Políticas Públicas, Angra dos Reis, RJ, e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campos dos Goytacazes, RJ. antoniobernardes@id.uff.br.

✉ Av. dos Trabalhadores, 179, Verolme, Angra dos Reis, RJ. 23914-360.

ENREDANDO

Desde criança me interessei pelas luzes e automação dos brinquedos que Eu tinha. Vivia desmontando os brinquedos eletrônicos com o intuito de entender o que tinha lá dentro e como eles funcionavam. O “lá” do dentro, analisando hoje, já demonstrava que havia um certo afastamento do brinquedo, que indicava minha situação (HEIDDEGER, 2011). Hoje, relembro disto e penso que desmontá-lo seria uma tentativa de aproximação para um saber localizado, tal como nos indica Haraway (1995).

Os anos se passaram, veio a adolescência e os videogames. Há pouco mais de 20 anos atrás os videogames eram umas daquelas coisas que criavam desconfianças nas pessoas, pois eles simulavam fenômenos em tela, sem lastro material e objetivo. Eles eram brinquedos *hi-techs*, se é que usavam este termo na época! Lembro como se fosse hoje meus pais me indagando se o videogame não estragaria a televisão de casa ou se não seria melhor eu ir brincar na rua com os colegas em vez de ficar vidrado em frente à televisão.

Pouco tempo depois o computador se popularizou e gerou ainda mais desconfianças e espanto nas pessoas, pois se trata de uma máquina que possibilitava fazer contas, escrever textos, fazer apresentações em slides, jogar, etc. Como pode uma única máquina fazer tudo isso? Era essa a questão da época. Com isso, o computador foi paulatinamente “aposentando” uma série de outros equipamentos, como a máquina de escrever, a calculadora e as lâminas de projeção de slides.

Lembro que tive que trabalhar alguns meses para comprar meu primeiro computador, pois eu já tinha alguns videogames. O que me motivava não era somente a máquina em si, mas aquela antiga pergunta: o que há lá dentro? Contudo, agora ela estava permeada por um imaginário em que eu poderia controlar tudo e todos por um

computador. Não sei ao certo se isto ocorreu alimentado pelos filmes e desenhos animados que eu assistia ou pela Minha própria estrutura cognitiva. Eu seria um obsessivo²? (DOR, 1991). Já que queria controlar tudo e todos e ficava pensando em diferentes maneiras que um computador poderia me ajudar a “pregar peças” nos vizinhos e em meus colegas de bairro e escola.

A Internet vem a reboque da popularização do computador! Ano após ano a Internet se expandia e alcançava os sujeitos em seus lares. Eis que o dito computador ganha mais uma função e agora possibilita a telecomunicação. Cada vez mais as relações entre sujeitos em diferentes locais se tornam possíveis pela Internet. Ora, mas sempre houve a telecomunicação! Sim, sem dúvida! Mas, agora ela pode ocorrer por meio de videoconferências simultâneas com alta definição de imagem.

Com isso, fui me descobrindo ao descobrir o computador e a Internet. Parte da minha adolescência passei varando as noites (naquele período, pela madrugada, a conexão pela Internet era muito mais barata, assim como nos finais de semana) ouvindo o som irritante do modem de Internet discada, mas que hoje, ironicamente, me remete a uma saudosa melodia.

Quanto mais popular foi ficando a Internet, mais os sujeitos se entrelaçavam para se comunicarem. Desde os *chats* de páginas eletrônicas até as atuais redes sociais virtuais. Eu mesmo vivia entre páginas de *chats*, em programas de conversas simultâneas e videoconferências, como o MSN Messenger. Hoje, a sua versão moderna é o Skype e mal sei se os sujeitos ainda utilizam páginas de

² “O obsessivo adere fundamentalmente a um fantasma persistente: em gozo sem falta, ao qual é necessário chegar custe o que custar. Adesão que dá a ilustração direta do fantasma da boca que beija a si mesma. Como Freud observava, o obsessivo é um mercenário impenitente engajado numa luta sem fim para se assegurar do controle onipotente do objeto. Por esta razão, o obsessivo dispõe de uma panóplia prodigiosa de vantagens secundárias da neurose” (DOR, 1991, p. 113).

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

chats. O “lá dentro” foi se mostrando cada vez mais complexo, pois eu não interagía somente com uma máquina, como nos videogames ou no computador *per si*, interagía com outros sujeitos que estavam alhures.

Os programas que eu usava foram se transformando e surgiram outros. Acompanho parte desse processo, mas não com a mesma intensidade e não das mesmas formas como antes, pois fui tomado por outras demandas em que o projetar o meu falo pelas relações mediadas pela Internet não era o centro das atenções, ou melhor, encontrei outras maneiras de projetá-lo.

Mesmo com a menor intensidade de “entrelaçamento” pela Internet não deixei de notar que foi havendo uma gradativa exposição dos internautas conforme o desenvolvimento tecnológico. Percebi que ao mesmo tempo em que a Internet possibilitou a telecomunicação entre sujeitos distantes, ela também mudou como os sujeitos podem se relacionar consigo, com o mundo e com os Outros. Experimentei e vivenciei essas inovações de modo curioso e preocupado (HEIDEGGER, 2011).

SOBRE SI

Olho para trás e fico pensando: por que se expor na Internet? Uma obscura estrutura cognitiva? Culturas e hábitos sociais? Penso não que seja estritamente uma coisa ou outra. Atribuir peso as culturas e hábitos é falar que um terceiro abstrato possui uma responsabilidade por uma ação que Eu fiz. É ridículo isso! Retomando a segunda questão, penso que remeter unicamente a uma estrutura cognitiva pretérita e inalcançável pela consciência, é cair num conformismo.

O fato é que a exposição e certo exibicionismo na Internet me levaram a perceber que Eu colocava o meu corpo para apreciação do Outro. Como se fosse uma espécie de objeto para o Outro. Óbvio que

não se tratou de uma constatação estritamente reflexiva sobre Mim. Eu via os casos nos noticiários e os causos no dia-a-dia. Em verdade, eu também colocava os Outros como objetos para Mim. Contemplava os corpos e via os detalhes nos e dos Outros, não só da fulgura corporal, mas da paisagem, luzes e sombras e todo o processo de construir uma imagem atraente.

Assim, fui percebendo que há uma linguagem da Internet. Não só pelos tipos de fotos e vídeos que são postados nos perfis dos internautas, mas também, porque há maneiras muito específicas de comunicação. Haja visto os emojis, que são figuras que representam emoções como uma maneira de amenizar a ausência física do interlocutor. Ou mesmo as abreviações, que facilitam e agilizam a comunicação, por exemplo: “vc” para você; “tb” para também; “kkkk” para risos; “naum” para não; “eh” para é; etc. Posso dizer que há um “internetês”, que todos nós usamos, mas que essa linguagem não é descolada daquelas que estabelecemos em presença para o Outro.

A linguagem que me remeto não se trata de um jogo de palavras articuladas gramaticalmente e sim, também, como um conjunto de gestos e expressões que possuem como fundamento uma pretensa unificação entre Eu e o Outro, ou seja, o amor. Todavia, tudo isso só tem sentido quando há correspondência, pois quando não se tem, podemos cair na indiferença, que é uma certa cegueira com relação ao modo de ser do Outro. Relego o Outro à condição de uma função, por exemplo: assim como o bilheteiro é o coletor de ingressos, o internauta que Eu contemplo é o meu objeto de prazer. Ignoro a condição subjetiva e sua liberdade e a sua possibilidade de ser passa despercebida (SARTRE, 1997).

Fui aprendendo a “entrelaçar” nas redes virtuais, mas para isso tive que me apropriar de linguagens e modos específicos de ser. A cada empreitada, aprendizados e novas conquistas. Fui percebendo que

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

as palavras, as fotos e a tela possibilitavam uma espécie de diluição da minha existência em benefício da minha essência. Mais do que isso, me parece que há uma precedência da essência em detrimento da existência. Ora, isso seria um absurdo ontológico, não? Mas, por que pensar nessa precedência? Porque o Outro se mostrava mais por palavras e ideias, depois por fotos e vídeos. Tanto o Outro como Eu éramos uma mistura de aspectos objetivos e imaginários. Nunca os preceitos de Aquino (1995) fizeram tanto sentido em minha vida, ao dissociar o ser e o ente, eu desenvolvi artimanhas para gerar expectativas e desejos no Outro, eclipsando a Minha corporeidade. Aqui percebi que a obsessão ganhava tons que se revelou em potência na medida em que Eu projetava o meu falo nestas relações³.

Wertheim (2001, p. 30) critica a separação entre existência e essência para as relações sociais virtuais ao afirmar que se construiu uma espécie de “cercadinho em que o excluído ‘Eu’ cartesiano pode brincar – uma espécie de *res cogitans* tecnológica”. Seria o “ciberespaço uma espécie de espaço eletrônico da mente. Quando ‘vou’ ao ciberespaço, meu corpo permanece em repouso na minha cadeira, mas algum aspecto de mim ‘viaja’ para outra esfera” (WERTHEIM, 2001, p. 30).

Mesmo que de forma inconsciente, foi pelo “cercadinho tecnológico do *res cogitans*” que me permiti construir um imaginário para o Outro. Postava fotos e vídeos deslumbrantes com o uso cada vez mais apurado do foco, das luzes e sombras. A samambaia pendurada no quintal de minha casa virou um lindo arbusto que simulou um parque para eu destacar o meu rosto para a *selfie*. Buscava fascinar a mim mesmo por meio da constituição enquanto objeto para Outro, tal

³ “O obsessivo aguenta tudo, sem fazer contas e sem se poupar, exceto uma coisa: que o outro goze sem ele, sem que esteja ou possa ter estado, de alguma forma, concernido. O outro não pode gozar sem o seu consentimento, sem ser autorizado” (DOR, 1991, p. 113).

como um masoquista. Elevava a subjetividade do Outro que me olha, pois diante dele, me coloco como objeto. Com isso, fui construindo assim algumas das relações sociais virtuais, como uma corporeidade conjectural para o Outro com base mais nas fantasias e desejos que eu ensejava do que pela Minha facticidade de ser em presença. Em contrapartida, coloco o Outro em uma posição sádica, pois ele busca recapturar a sua subjetividade ao restringir a liberdade do Outro à sua (SARTRE, 1997).

Não podemos deixar de falar que a relação sado-masoquista que indiquei possui como base, em literaturas sobre o tema, a Minha presença e a do Outro, o que não ocorre pelas relações sociais virtuais, principalmente, para o sádico que busca restringir a liberdade de Outro pela dor e a violência física. Então, como se daria isso nas relações sociais virtuais? Penso que ela se daria não só como uma encenação e sim, sobretudo como um objetivo a ser alcançado. Todavia, cabe o alerta que a situação de sádico e/ou masoquista não é perpétua numa relação, elas se cambiam entre os envolvidos. Aquele que se subjugua, também pode querer, em algum momento, subjugar.

Isso me fez lembrar que não importava para Mim saber quem é fulano nas redes sociais virtuais. É uma questão que ficava em segundo plano, pois o que interessava é o que é. Contemplava-o e o queria. Esse foi o arremedo de muitos dos meus entrelaçamentos em perfis no Facebook e do Instagram. Contemplei uma sequência de fotos e vídeos em que ao me perder por diferentes enredos, me achava.

Um dia desses, ao bisbilhotar os perfis alheios eu cliquei onde não devia e, com certeza, o Outro percebeu. Sabem [...] quando se está olhando aquela foto e por acaso resvala o dedo no “like”. Pronto, o mundo desabou. Me fiz presente para o Outro. Fui descoberto. Mas, disso fiquei pensando: será que não era a intenção Dele se expor

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais Antonio Bernardes

para Mim? Não saberei dizer se sim ou não, mas disto tirei alguns ensinamentos.

Primeiro, que o Outro se expõe não necessariamente para Mim. Pode ser para Alguém em específico, para Todos e para Si. Segundo, que pressupus que a sua exposição tem como objetivo o amor com base na linguagem. Não se tratava de uma atitude sádica ou masoquista, porque para isso deveria haver o consentimento do Outro. Eu era um *voyeur* ou, como dizem no “internetês”, um *stalker*. Mas, o meu objetivo era sádico porque eu fazia do Outro objeto de minhas possibilidades e de meus desejos e o colocava como masoquista.

O problema é quando o sádico descobre que está sendo olhado e, assim, ele perde toda a condição de controle da liberdade do Outro. O Outro não corresponde as Minhas expectativas, é indiferente ou se coloca na posição de sádico. Eis o conflito! Eu não quero perder a Minha posição e tampouco deixar a situação de sádico. É então que o ódio passa a ser parte integrante desta relação, que por sinal, constitui a verdadeira atitude para com o Outro. O ódio se trata de uma atitude de cerceamento do Outro com a intenção de aniquilar a sua liberdade. É abandono definitivo de qualquer empenho por realizar a união com o Outro. Quando odeio, afirmo Minha liberdade como situação absoluta em face do Outro.

HÁ HATERS NO MEU FEED! QUÊ SITUAÇÃO!?

Não precisamos ir muito longe ou procurar muito na Internet para encontramos manifestações de ódio. Penso que nos últimos anos estas manifestações têm se tornado cada vez mais comuns.

Na *mass media* estas manifestações são chamadas de discurso de ódio. Como considere o discurso como uma das formas de linguagem em que Eu posso exercer a liberdade, o discurso de ódio busca pela



Figura 1 – Exemplos de discurso de ódio.
Fonte: Twitter; Instagram, 2019.

violência, discriminação e/ou o preconceito aniquilar a Minha liberdade, seja em virtude de raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexualidade, religião etc.

Tomei a liberdade e dei alguns exemplos de discurso de ódio que já passaram pelo Meu *feed* do Twitter e do Instagram. Penso que no *feed* de vocês não é muito diferente.

Os discursos de ódio podem ser diretos ou indiretos. Direto quando ele é remetido para um Outro em específico, como é o caso do primeiro e do segundo exemplo na Figura 1. O terceiro exemplo, por mais que ele esteja direcionado, ele é indireto, pois, antes de tudo, indica também um grupo de sujeitos, um coletivo sociocultural.

É comum nos discursos de ódio haver uma tentativa de aniquilar a liberdade do Outro simplesmente por ele ser outro, da alteridade que lhe é inerente. Se isso acontece para sujeitos que são públicos, imaginem para aqueles que não os são.

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

Fico pensando se estes *haters* teriam a mesma audácia de dizer o que dizem na presença do Outro. Difícil afirmarmos com exatidão, mas posso ao menos indicar alguns dos fundamentos para tentarmos refletir.

Parto do princípio que as relações sociais virtuais possuem uma diferença fundamental para aquelas que nós temos face-a-face, a Minha presença e a do Outro em facticidade. Em outras palavras, não estamos em carne e osso um para o outro pelas relações sociais virtuais. Mas, o que isso pode acarretar? Quando a Minha presença deixa de estar em situação para Outro passo a ser uma caricatura representativa dos projetos e da liberdade do Outro. Somos uma espécie de presença-ausência um para o outro quando nos relacionamos virtualmente. Ausente, porque a situação de cada um de nós é conjectural. O Outro para Mim é conjectural, assim como Eu para o Outro. A facticidade de ambos é esvanecida em benefício da linguagem. Presente, porque há o primado do ser-aí de cada um de nós e por meio dele podemos entrever a situação do Outro pela linguagem e conjecturar que se está em frente a um computador, *tablet* ou telefone celular que possibilite as relações sociais virtuais. Em outras palavras, há a Minha ocupação e a do Outro para se estabelecer a telecomunicação (HEIDEGGER, 2011). É nesse sentido, como comentei anteriormente, que um dos fundamentos da linguagem nas relações sociais virtuais é exercer o fascínio do Outro, promovendo o desejo.

Lembro claramente que anos atrás a minha única preocupação ao me relacionar pela Internet era fascinar o Outro. Eu ficava preocupado com isso, em despertar o desejo do Outro e em como Eu poderia ser atraente para Ele. Neste embalo fui conhecendo sujeitos de diferentes lugares da capital paulista. Normalmente, os encontros eram em shoppings. Um qualquer que fosse acessível para ambos. Como Eu havia ludibriado o Outro ao usar de artimanhas nas relações sociais virtuais,

eu sempre ficava aflito em saber como seria o encontro presencial. Me decepcionei com alguns e decepcionei em outros. Foram experiências interessantes para um jovem em descoberta.

Em quase todos os encontros havia uma estratégia de ir com uma roupa diferente do combinado ou ficar na espreita para ver se a pessoa desejada correspondia com as fotos. Nessa época não era comum o uso de vídeos devido a limitação tecnológica.

Em um desses encontros fui com as roupas que combinamos e fiquei na espreita. Havíamos falado semanas a fio pelo MSN. O encontro foi num shopping da capital paulista. Fiquei um andar acima do ponto de encontro, entre a escada rolante e os arbustos decorativos. O ângulo de visão era ótimo, já que era um daqueles shoppings em que o centro é vazado e se pode ter uma boa visão de todos os andares. O shopping estava cheio e isso facilitou minha estratégia. Como era restrito o uso de telefones celulares na época, não era possível o Outro me contatar de imediato. Fiquei ali por alguns minutos olhando e a cada segundo sentia calafrios e era tomado pela ansiedade e medo. Mas, por que eu sentia medo? Medo de que Meus projetos com o Outro pudessem ser arruinados porque eu não o agradaria ou não conseguiria manter o fascínio e desejo? Medo porque Eu não seria mais o objeto de desejos? Ora, eis o obsessivo novamente!

Em resumo, eu estava em uma situação que não detinha mais o controle como aquele que eu possuía pelas relações sociais virtuais, pois:

Enquanto sou instrumento de possibilidades que não são minhas possibilidades, cuja pura presença para-além de meu ser só posso entrever, e que negam minha transcendência para constituir-me como meio e rumo a fins que ignoro, estou em perigo. [...] O medo (sentimento de estar em perigo frente à liberdade do outro) (SARTRE, 1997, p. 344).

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

Pela Internet os objetivos do Outro possuem como limite o que é dado pela própria presença-ausência que temos pelas relações sociais virtuais. Em presença, isso muda! As possibilidades são maiores porque a relação não é mediada e estamos em situação, em carne e osso com o Outro. Estar em situação é aparecermos no mundo para que este possa nos aparecer (HEIDEGGER, 2011). Ou ainda, a “situação é totalidade organizada do ser-aí interpretada e vivida no e pelo ser-para-além” (SARTRE, 1997, p. 672-673).

Dito tudo isso, questiono se em algum momento eu deixei de estar em situação. Penso que não, porque estar sentado na cadeira enquanto eu me relacionava com o Outro pela Internet não eliminava a Minha situação. Interagir com as múltiplas imagens, sons e outros tantos estímulos pela Internet não significa que Meu corpo esteja estagnado, pelo contrário, é por ele que realizo a comunicação com o Outro ao manipular uma máquina e uma série de linguagens (SANTAELLA, 2004). A diferença é que em presença não tenho a mediação da máquina e das linguagens da Internet. Estou para o Outro e este para Mim em presença.

No encontro em presença a Minha corporeidade pode ser questionada e meu corpo não está mais eclipsado pelas linguagens que utilizei nas relações sociais virtuais. Senti medo porque me via em perigo. Perigo de tudo aquilo que planejei ser aniquilado e não ter mais ideia de quais são os objetivos do Outro para Mim. De haver o fracasso de uma pretensa unificação entre Eu e o Outro. Teria meus projetos negados e seria estritamente um objeto para o Outro, mas sem a possibilidade do auto fascínio e jogado na indiferença?

Não! Eu fui indiferente com o Outro. Fiz dos arbustos do shopping Meu esconderijo. Não fui descoberto e o encontro não se realizou. Daí, então, que tive medo do Outro me descobrir e eu ser questionado ou mesmo agredido. Medo porque pelas relações sociais virtuais não

tenho a Minha essência posta em perigo por Eu possuir um corpo. O perigo e o medo podem ser entendidos pela dor ou mesmo, no limite, pela morte. Esta, nada mais é, do que reconhecer o limite de sua existência pelo corpo. Com isso, Meu empreendimento masoquista e amoroso fracassou, promovi o ódio do Outro.

Chegando em casa, espero anoitecer e entro no MSN, lá está o Outro à minha espera. Questiona, xinga e desabafa. Fui agredido de várias formas, mas mantive intacto o Meu corpo e a Minha essência. Deu certo o plano! Penso que o Outro não iria tão longe em seus desabafos se não fosse feito pela Internet, pois sua corporeidade também poderia estar em perigo, assim como a Minha.

Eu sei que ao negar a tentativa de unificação entre Eu e o Outro poderia promover o ódio. Como ocorreu! Mas, em alguns casos sequer é necessário negar a relação, a própria existência enquanto alteridade já é suficiente para que Eu seja odiado pelas representações sociais que indico. Sou indiferente e disto, proveem o ódio. Há a indiferença porque nego a linguagem do Outro e, com isso, o desmascaro ao relevar o seu modo de ser, ou seja, aquele que quer me submeter como um objeto entre objetos no mundo e numa situação em que ele tenha controle da Minha liberdade (Figura 1).

Disso tudo, penso que chegamos em uma das bases dos discursos de ódio que se propagam pela Internet, pois eles possuem o mesmo fundamento do caso que narrei e das postagens que apresentei. A Minha presença-ausência nas relações sociais virtuais protege a minha corporeidade e Eu ressignifico os sentimentos de medo e perigo. O Outro em todo seu ódio não alcança o Meu corpo.

ANDANDO EM CÍRCULOS: DA PÓS-VERDADE À FAKE NEWS

O tempo passou e me peguei refletindo sobre o caso do encontro em que fiquei escondido atrás do arbusto no shopping. Envergonho-

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

me da imaturidade e falta de responsabilidade que tive com o Outro nos idos de minha adolescência. Foi tudo por medo. Não só um medo da agressão e sim, também, de me aproximar. A aproximação se dá “encurtando distância para alguém que pode esperar-nos ou rejeitar-nos, dar-nos a mão ou ferir-nos, beijar-nos ou assassinar-nos. Aproximar-se na justiça é sempre um risco porque é encurtar distância para uma liberdade distinta” (DUSSEL, 1977, p. 23).

O medo de me aproximar ocorreu porque poderia ter a minha corporeidade questionada e/ou os meus projetos fracassarem. Então, resumo assim o ocorrido: “é isto o inferno. Eu não teria acreditado [...] Vocês se lembram: o enxofre, o carneiro, o fogo [...] Ah, que piada. Para quê o fogo? O inferno são os Outros” (SARTRE, 1970, p. 75). Esta última frase da oração, trecho reconhecido das obras de Sartre, me remete a pensar que muito do que padecemos é o resultado do nosso encontro com o Outro, pois a perpétua e inevitável relação com o Outro é, também, uma espécie de retomada de si próprio.

Como nada disso aconteceu, foi tudo conjectural! Optei por viver a angústia de não saber por não ter tentado. Não tive a coragem de “encarar o inferno”, de me encarar pelo Outro. Prefiri a irresponsabilidade e a falta de comprometimento com o Outro e, ao me apegar aos meus medos, impus o fracasso dos Meus projetos ao Outro.

A responsabilidade é obsessão pelo outro; é religião com sua exterioridade; é expor-se ao traumatismo, à prisão, à morte. [...] Responsabilidade é assim coragem suprema, fortaleza incorruptível, autêntica clarividência da estrutura da totalidade, sabedoria (DUSSEL, 1977, p. 66).

A responsabilidade, como nos disse Dussel, é a obsessão pelo Outro. A obsessão não no sentido psicanalítico e sim de apego que ocorre pela aproximação com o Outro e possui clarividência da totalidade.

Heidegger (2011) também deu algumas pistas que permite com que eu possa entender que estar no mundo é ser “em”, “com” e “também” com os Outros.

Os Outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu me isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está. Esse estar também com os outros não possui o caráter ontológico de um ser simplesmente dado “em conjunto” dentro de um mundo. O “com” é uma determinação da presença. O “também” significa a igualdade no ser enquanto ser-no-mundo que se ocupa dentro de uma circunvisão. “Com” e “também” devem ser entendidos existencialmente e não categoricamente. À base desse ser-no-mundo determinado pelo “com”, o mundo é sempre mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-com os outros. O ser-em-si intramundano desses outros é a copresença (HEIDEGGER, 2011, p. 174-175).

Com isso, penso que o medo poderia ter sido uma forma, senão de unificação entre Eu e o Outro, mas de aproximação e responsabilidade, pois poderíamos superá-lo ao partilhá-lo.

A aproximação e a responsabilidade também podem nos permitir uma experiência coletiva quando nos sentimos “em”, “com” e “também” com os Outros. O liame entre Nós é quando partilhamos de projetos em comum em que Minha situação é similar a dos Outros, seja por posicionamentos políticos, culturais ou religiosos, por exemplo. Relaciono-me e comprometo meus projetos com os Outros, Eu estou com eles. Sartre (1997) denominará essa atitude de nós-sujeito.

Na atualidade, a aproximação, responsabilidade e o nós-sujeito podem ganhar outros contornos pelas relações via redes sociais virtuais. Para nos aproximarmos desses “outros contornos”, primeiramente,

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

é preciso que tenhamos em mente que a propagação infinita de imagens, sons e textos na Internet, sobre tudo e todos, nos levaram ao distanciamento das experiências objetivas e materiais, em presença, ao mesmo tempo que possibilitou estarmos informados de diferentes acontecimentos no mundo. Nos tornamos uma espécie de presença-ausência para os Outros e para muitos fenômenos que acontecem no mundo, reconhecendo a sua existência, mas não em presença.

Considerando isso, não é incomum encontrarmos sujeitos que possuem uma tendência de sobrevalorizar aquilo que possui mais lastro material e objetivo. Tendo a valorizar mais aquilo que presencio e o que o Outro me diz ao invés daquele fenômeno que ocorreu distante de Mim. Como assim? Quero dizer que pela minha aproximação e reponsabilidade com o Outro posso firmar um nós-sujeito. Confio nos Outros e estes em Mim. Compartilho meus projetos com eles e temos algo em comum. O que foi vivenciado por Mim ou por Outro com quem tenho projetos em comum passa a ser mais verdadeiro. Julgo os fatos muito mais baseados nas minhas percepções do que nos efetivos fenômenos, ainda mais para aqueles fenômenos que estão distantes. Estou me referindo à dita pós-verdade!

Segundo o *Oxford Dictionaries* (2019), a pós-verdade se trata de um adjetivo "que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais". Trata-se de uma "seleção afetiva de identidade", em que nos identificamos com as ideias que melhor se adaptam aos nossos conceitos, como um modo de se remeter a si mesmo pelo Outro e com o Outros.

A meu ver, a pós-verdade só possui sentido a partir das relações sociais virtuais, pois em sua base ela não difere muito daquilo que Foucault disse em relação a verdade, ou seja, que ela se baseia nas relações entre os sujeitos pelo exercício de poder até se tornarem

leis. A verdade se firma "nas suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar" (FOUCAULT, 2012, p. 101). Não precisamos ir muito longe para perceber esse fenômeno, basta um rápido acesso aos grupos de Whatsapp em que todos nós participamos. Sabem, aqueles grupos de família, de amigos, etc? Grupos em que os sujeitos que compõem o possuem uma relação afetiva e de proximidade entre si. É interessante notar nesses grupos que há uma mistura intergeracional e as relações de poder postas presencialmente podem, também, se manifestarem pelas redes sociais virtuais.

Seja como for a relação que tenhas nos grupos do Whatsapp de familiares ou conhecidos, ela partiu de uma relação próxima. Tanto que é muito comum em grupos de Whatsapp de familiares alguém buscando um parente de certa especialidade profissional para uma consulta rápida, obrigado todos do grupo a participar; ou, aqueles debates climáticos sem nexos causais, por exemplo: "Nossa! Hoje aqui está muito frio!" "Ah! Garanto que nem tanto como está na minha cidade" ou "Tá o maior calor aqui!" "Ah! Não reclama! Aqui é sempre quente e a gente aguenta!"; fotos de viagens e de comidas, como uma espécie de exibicionismo; comentários sobre política e futebol, sempre há quem é contra e a favor do partido X, do político Y, ou do time de futebol Z, havendo como intermináveis provocações; etc.

Nestes grupos a responsabilidade com o Outro é um pressuposto. Lógico que não é um pressuposto para todos, como podemos notar quando alguém faz aquela piada de mal gosto e preconceituosa que vai além do "é pavê ou pá cumê". Fico pensando se o sujeito falaria isso em presença, num almoço de domingo. Mas, mesmo assim, antes de instalada a contenda haveria todo um processo de intermediação dos Outros para saná-la.

São também nesses grupos de Whatsapp em que há uma série de postagens sobre fatos sensacionalistas sem quaisquer precedentes

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais Antonio Bernardes

empíricos. Lá, eles são debatidos, aceitos e refutados. Eu diria que há uma grande possibilidade de serem aceitos, pois imaginem [...] Você lê uma postagem ou mensagem daquela sua tia que tanto gosta. Confia nela e pensa: “Ora, ela não diria isso se não fosse verdade!” Ainda mais porque ela relaciona aquela informação com a sua experiência de vida. Isso comove a todos no grupo. A maioria toma as suas dores e buscam fatos de sua respectiva experiência de vida que se relacione com o caso dela. Com isso, você acredita e repassa a informação em outras redes sociais. Eis a manifestação capilar da pós-verdade! Não importa se há fatos objetivos, argumentos científicos ou de outras formas de conhecimento que refutem cabalmente o que sua tia e outros parentes disseram, o que importa que ele é verdadeiro porque está baseado nas experiências de vida daqueles que são próximos a ti e, possivelmente, na sua experiência de vida. A confiança mútua, a proximidade e a responsabilidade entre os diferentes sujeitos do grupo ganham um peso que refuta todo e qualquer argumento que não o contemple. Justo, porque a sua base está nas emoções e nas crenças partilhadas pelo grupo, mas, principalmente, nas Suas.

Alguns dias atrás vivenciei isso de forma intensa. Uma das crianças de minha família passou mal dias depois de ser vacinada. De bate-pronto, a mãe da criança postou no grupo de família o ocorrido. Foi, então, que um de meus parentes, vozeirou: “a culpa é da vacina!” Eu fiquei pasmo com tudo aquilo e o apelo que o fato foi tendo com os demais parentes com o passar dos dias. As experiências, com ou sem quaisquer nexos, foram dando corpo a uma ideia, a uma verdade, que ganhava força devido ao padecimento da criança.

Então começou a brotar no grupo uma série de links com páginas que possuíam sujeitos que são contra a vacinação. Eu estava solidário ao sofrimento da criança e, ao mesmo tempo, pasmo com tudo aquilo que eu lia e ouvia no grupo contra a vacinação. Visitei algumas das páginas

que postaram no grupo. Destas, convido que acessem algumas delas pelos *QR Codes* (Figura 2). Uma página se chama “O Lado Obscuro das Vacinas” e outra a “International Revolution For Choice”.

Antes de acessar as *fanpages* eu evitei lançar juízo prévio dos sujeitos que realizaram suas postagens e comentários, por mais que me incomodava profundamente tudo aquilo que estava acontecendo. Foi um pouco difícil não empreender o olhar científico e de descontentamento, mas fui o abandonando ao me deparar com cada uma das postagens do último ano. Havia uma série de comentários de mães em que seus filhos adoeceram depois de serem vacinados. Muitos dos relatos são comoventes. Em resumo, há uma série de relatos de experiências que indicam um conhecido que adoeceu depois da vacinação ou mesmo faleceu. Entre esses comentários, é comum

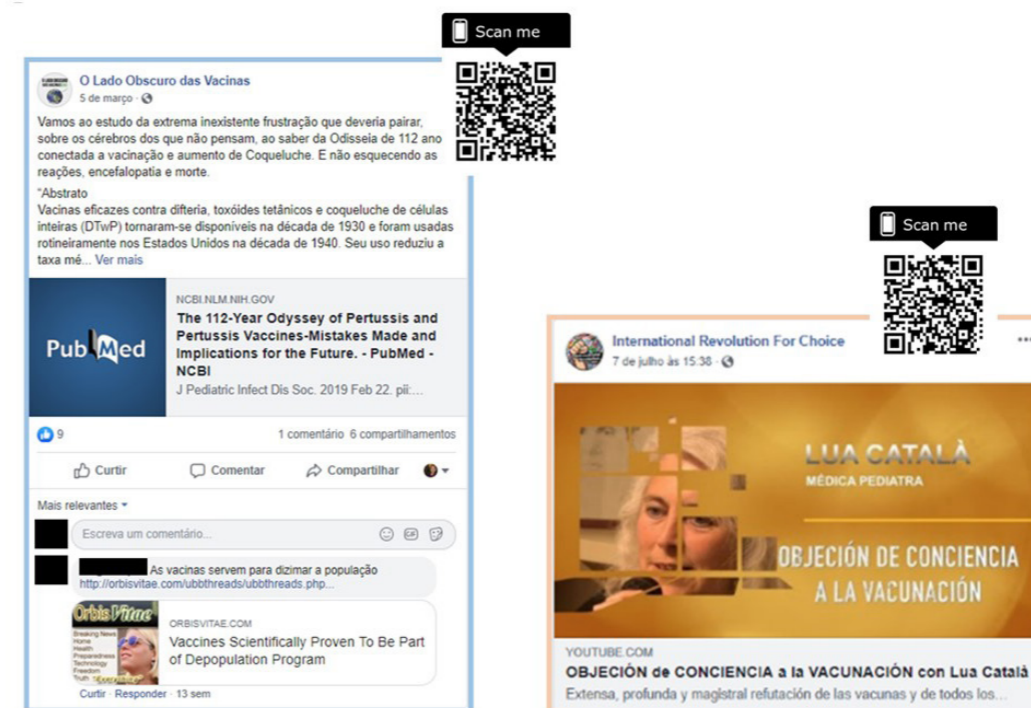


Figura 2 – Exemplos de *fanpages* contra vacinação.
Fonte: Facebook, 2019.

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

os discursos de ódio em relação aos opositores (sujeitos a favor da vacinação) e às indústrias farmacêuticas.

Ainda discordo de boa parte dos argumentos que vi nestas páginas e daqueles do grupo do Whatsapp, mas passei a entender um pouco melhor. O cerne da questão está nas relações de proximidade e de responsabilidade com o Outro. A experiência de ver padecer seu filho ou parente próximo comove a todos e esta experiência quando compartilhada pode possuir um fundamento mais objetivo e material do que os preceitos científicos que amparam a vacinação. Afinal de contas, as Ciências que amparam o desenvolvimento de vacinas e o *modus operandi* delas não estão no campo sensível dos sujeitos e não foram por eles experienciados. Se posso dizer que eles experienciaram as Ciências, neste caso, foi pela dor. A dor do padecimento de um ente querido pelo pressuposto científico de evitar doenças pelas vacinas. Inclusive a dor é a situação em comum a estes sujeitos que se sentem em perigo e com medo, já os seus projetos vão na direção de se contrapor a isto.

Em que nível da realidade as águas marinhas são verdadeiramente reais? No nível do fenômeno, lá onde suas transparências, reflexos, suas ondulações agem sobre nossos sentidos e nossa imaginação? Ou no nível do esquema que provém a análise físico-química? É a onda que vemos ou a molécula, é o átomo que “concebemos” que devemos atribuir valor essencial? (DARDEL, 2011, p. 96-97).

Os questionamentos realizados por Dardel colocam lado-a-lado duas ordens de entendimento do mundo, “a da realidade concreta, mais local e momentânea; a do real, abstrata e universal, resgatada pelo método científico” (DARDEL, 2011, p. 96-97). Estes questionamentos poderiam contemplar, por exemplo, aqueles que são contra as vacinações e levam em conta, principalmente, suas experiências

imediatas. Mas, seguindo a obra de Dardel (2011), percebemos que ele faz uma crítica ao afastamento do entendimento científico daqueles do dia-a-dia dos sujeitos propondo modos de reaproximação.

Um desdobramento desta questão é quando se utilizam da linguagem científica, sem quaisquer comprovações, para firmar uma posição que possui muito mais amparo nas crenças e emoções, como podemos interpretar por uma análise de conteúdo das *fanpages* contra a vacinação. Nestas *fanpages* há a prevalência do nós-sujeito e as interpretações científicas que ali são postadas, dando apoio as premissas compartilhadas pela maioria, firmam uma verdade de grupo que alimenta ainda mais os projetos que eles partilham pela dor.

É interessante notar que as informações do grupo de família alimentam as *fanpages* e inversamente. Com isso, os casos pessoais vão ganhando notoriedade nas redes sociais virtuais e quanto menos esta história pessoal possui lastro material e objetivo, mais contornos emotivos ela pode suscitar. Quando estas são replicadas com o intuito de induzir uma comoção sem a menor responsabilidade e proximidade com os Outros que irão lê-la, eis as *fake news*!

Apesar de haver semelhanças entre a pós-verdade e as *fake news*, elas não podem ser confundidas. Estas últimas são, independente das suas motivações, mentiras objetivas, ou seja, pouco condizem com a realidade em seu sentido mais amplo. São replicadas para induzir a uma comoção. Mas, isso não descarta que as *fake news* deem origem à pós-verdade. Como vimos, a pós-verdade não implica necessariamente em uma mentira (tendo em vista que a informação não verificada pode ser verdadeira), mas sempre implica em uma negligência com relação ao fenômeno objetivo.

É comum a pós-verdade ser aproveitada como *fake news* quando há a tendência de generalizar um fenômeno singular, por exemplo, o caso daqueles que são contra a vacinação. Possivelmente, este caso

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

é o mais patente da falta de responsabilidade com os Outros, pois, como colocado por Dussel (1977, p.66), se negligencia a “autêntica clarividência da estrutura da totalidade, sabedoria”. O inverso ocorre quando se tem a ciência que é uma *fake news* e, mesmo assim, eu replico a mensagem. Seja qual for o motivo, replicar uma *fake news* com consciência é agir deliberadamente de modo narcísico e sádico. Isto implicará no fracasso de aproximação com o Outro na medida em que estou contribuindo para a normatização de inverdades e do valeduto virtual, vindo a reboque os discursos de ódio.

SEM CESSAR O PERAMBULAR, FINDANDO...

Depois desse pequeno excuro até aqui, não parei o perambular pela Internet. Por sinal, seria muito difícil. Seja devido as necessidades do dia a dia ou pelo hábito.

Veza ou outra, me pego reforçando a ausência da presença-ausência que é o Outro quando tento ser indiferente ou mesmo quando acabando nutrindo certo ódio por ele. Como ser diferente disto quando nos deparamos com publicações que são completamente contrárias aquilo que acreditamos? Bem que eu poderia dizer palavras mais cândidas, mas elas não representariam a realidade. Por outro lado, são justamente esses sentimentos que fazem com que o Outro seja mais do que simplesmente uma ausência, por que quando a sua publicação me incomoda, Eu o coloco no mundo. Ele se faz mais presente em mim. Não em sua facticidade de ser, que conjecturamos pela linguagem, mas por que a sua opinião me invade, me fundamenta.

Como mencionei, a superação dessa relação fracassada entre Eu e o Outro só pode ocorrer pela aproximação e quando partilhamos de nossos projetos em comum. Isto pode ser meio utópico quando consideramos os discursos extremos, principalmente, por que

tendemos a reforçar as nossas opiniões pelas relações sociais virtuais ao interagir com Outros que pensam, são e estão em situações similares a nossa. Tendemos a estar “entre os nossos” ou “entre os comuns”, justamente por que a alteridade radical (BAUDRILLARD, 1996) nos incomoda e, para as relações sociais virtuais, a sua negação está ao alcance de um *click*. ☹

AGRADECIMENTOS

O *start* para este estudo veio de uma série de diálogos com os estudantes da Pós-Graduação em Geografia na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e da UFF (Universidade Federal Fluminense). Com eles realizei alguns grupos focais que em muito contribuíram para eu buscar me aprofundar na interpretação da temática discutida. Agradeço-os.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás. **O ente e a essência**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1996.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola/UNIMEP, 1977.
- DOR, Jöel. **Estruturas e clínicas psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais
Antonio Bernardes

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2011.

OXFORD DICTIONARIES. **Post-truth**. Disponível em: <https://www.lexico.com/en/definition/post-truth>. Acesso em: 07 de julho de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Huis Clos**. Paris: Gallimard, 1970.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço**: de Dante a Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Submetido em Outubro de 2019.

Revisado em Fevereiro de 2020.

Aceito em Março de 2020.